

**SOUSA GALITO, Maria (2010). Entrevista ao Prof. Dr. Luís Cláudio Gomes Santos. CI-CPRI, ENT-CPLP, N°12, pp. 1-9.**

**ENT-CPLP: Entrevistas sobre a CPLP**



Entrevistado: Prof. Dr. Luís Cláudio Gomes Santos  
(Ministro-Conselheiro da Missão do Brasil na CPLP)

Entrevistador: Prof. Doutora Maria Sousa Galito

Local: Missão do Brasil na CPLP, Av. Da Liberdade, 180 – A, 10º

Data: 8 de Abril 2010, 16h.

*Agradeço a disponibilidade para me receber. Peço-lhe um comentário sobre a importância crescente do mercado brasileiro (BRIC) e sobre o papel de uma economia emergente como o Brasil na CPLP.*

O Brasil é potência emergente. Realmente, o Brasil tem beneficiado da continuidade de políticas macroeconómicas. Uma questão recente na História do Brasil, pois antes vivia altos e baixos, registava períodos de crise económica.

Entretanto, governos diferentes com orientações políticas diferentes, adoptaram políticas económicas consistentes – desde o *Plano Real*, ou seja, já antes do governo de Fernando Henrique Cardoso – o que tem propiciado um período de longo de crescimento económico, com políticas coerentes e ajustadas.

Tivemos oito anos de governo com Fernando Henrique Cardoso, agora vamos ter oito anos de governo Lula, ambos com políticas macroeconómicas convergentes, o que têm contribuído para o crescimento económico sustentado do país.

O Brasil possui muitos recursos naturais e forte capital humano. Possui uma base industrial importante – é um país bastante industrializado. É um dos maiores produtores de alimentos. Depois dos EUA e da União Europeia como um todo, o Brasil é o maior exportador de alimentos. O Brasil, portanto, possui grandes vantagens no comércio internacional.

O Brasil possui a quarta maior empresa de aeronáutica do mundo. E tem uma base industrial ampla: possui siderurgia, indústria petroquímica, electrónica, etc. Ou seja, é um país com grande potencial. O que é uma boa notícia para o mundo inteiro.

O mercado brasileiro está a viver uma fase de reestruturação das relações económicas internacionais.

Esta crise financeira afectou os países do primeiro mundo. Os primeiros a sair da crise foram as economias emergentes. É o que o Presidente Lula chama de “nova geografia mundial”. Isto é muito verdadeiro. O mundo actual é mais multipolar, o que é uma boa notícia para todo o mundo.

A trajectória do Brasil é um pouco a trajectória do sistema internacional. Fala-se da substituição do G8 para o G20. O G8 em si já não reúne condições de governabilidade, para manter as regras do seu regime económico e político. Urgem regras mais amplas. Surge mais o G20 onde está o Brasil, mas não só, também a África do Sul, o México e a Argentina.

O Brasil, na sua trajectória ascendente e consistente, afirma-se e ganha credibilidade. Portanto, qualquer analista do sistema internacional reconhece o maior papel do Brasil no sistema económico internacional.

O Brasil, no grupo dos BRIC, possui menor crescimento que o da China, mas o país tem mantido taxas de crescimento bastante razoáveis (5 ou 6%, às vezes um pouco menos) já num período bastante longo.

Os BRIC estão a contribuir muito para a estabilidade do sistema internacional, do ponto de vista económico, como esta crise demonstrou.

A ideia dos BRIC é uma invenção um pouco heterodoxa, digamos assim. Mas enfim, também é uma coisa que está a ser trabalhada. Este ano há uma nova reunião dos BRIC em Brasília.

Por outro lado, os BRIC não são contíguos. A Rússia ainda tem um papel estabilizador na região que foi da União soviética. O Brasil também possui um papel estabilizador na América Latina e isso é uma coisa boa para todo o mundo.

O Brasil tem reuniões no seio da MERCOSUL. O sistema internacional também precisa de países que tenham poder de estabilização e de atracção que também ajudem as suas regiões. Hoje em dia, o papel do Brasil na América do Sul é muito especial. Os brasileiros têm consciência que se eles estiverem mal, nós também não estaremos bem. A integração vai acontecer de qualquer maneira, se não for pelas coisas positivas, será pelas negativas – problemas transfronteiriços, narcotráfico, etc.

O Brasil também tem um papel na CPLP. O facto do Brasil se afirmar como país produtor e como mercado parceiro, é tudo muito positivo.

Portugal tem uma vertente cada vez mais europeia. O Brasil também é um pólo importante. O próprio crescimento angolano deve ser notado. África não é um continente que só tem problemas, isso é uma visão errada. Muitos países africanos possuem médias de crescimento que superam a média mundial. Angola é um bom exemplo. Tudo isto é muito positivo.

A CPLP não possui uma orientação especificamente económica.

*A questão é precisamente essa. Pode não ser viável criar um bloco económico no seio da CPLP, mas o Brasil estaria interessado numa progressiva integração da CPLP, no sentido de facilitar o comércio e o investimento entre estados-membros, e de uma maior cooperação económica?*

Primeiro, temos de ser realistas. Faz parte de um processo de integração já numa fase bastante avançada.

O Brasil também participa num processo de integração (MERCOSUL) que, se formos comparar com a União Europeia, ainda é muito incipiente.

Mas também não é assim tão incipiente, pois se fizermos a comparação certa, que é comparar o percurso da União Europeia durante décadas e o percurso da MERCOSUL neste curto espaço de tempo, no fundo, é um processo que avança bastante.

A ideia defendida pelo Brasil é a de criar uma zona de comércio livre em toda a América do Sul.

Os países africanos também têm as suas integrações regionais, tais como a Commonwealth.

Portanto, temos dificuldade em imaginar um processo comunitário de integração económica na CPLP. Os processos são incompatíveis neste momento.

Mas do ponto de vista do Brasil, obviamente, que há todo o interesse em aprofundar os laços – inclusive económicos – com todos os países da CPLP. E o que o favorece é a questão da *identidade*.

Os Estados-membros da CPLP possuem diferentes visões sobre as matérias – porque os países vêem a CPLP de maneira um pouquinho diferente. Mas há algo que estes países partilham.

*Já agora aproveito para perguntar: como é que o Brasil vê a CPLP?*

Primeiro, a CPLP possui uma vertente de coordenação político-diplomática. Para o Brasil é uma questão muito importante. A CPLP congrega países que são importantes para nós. Portugal é um país importante.

A política africana do Brasil não é de hoje, tem décadas. O Brasil mantém uma política consistente em África há muito tempo. África é um continente vastíssimo. Neste quadro, os países africanos de língua portuguesa têm uma atracção muito especial para o Brasil e isso tem a ver com a questão da *identidade*. A população brasileira reconhece-se nestes países, porque grande parte da população brasileira é originária desses países.

Tem sido política do governo e da sociedade brasileira – porque não é um assunto apenas político – valorizar a diversidade e passar de discursos mais ingénuos para acções mais realistas e sofisticadas: a questão racial no Brasil, a questão da identidade do Brasil. E somos muito africanos. Também descendemos de portugueses.

A questão da identidade é muito forte. Estou a falar do Brasil, porque é o que me toca. Mas também vejo a CPLP dessa maneira.

O que nos une é termos a nossa identidade aí, de maneira diferente – porque os países formaram-se de maneira diferente e o resultado final é diferente. Mas temos uma identidade partilhada. A CPLP é muito mais identitária – para não ficar apenas no domínio linguístico.

Parte importante da identidade dos povos é a língua. *A língua é a minha Pátria*, como dizia Fernando Pessoa.

*Nesse processo ajuda se todos os Estados-membros implementarem o Acordo Ortográfico.*

Esperemos que sim. É um processo. Cada país tem o seu ritmo. Não compete ao Brasil fazer comentários, respeitamos os ritmos de cada um.

O Brasil está possivelmente mais adiantado. Temos mais dois anos de adaptação, mas depois só poderemos usar a nova versão.

Mas chegamos lá.

*A CPLP poderá manter-se e crescer em relevância internacional, se continuar apenas enquanto fórum de concertação diplomática e de língua partilhada? Não seria preferível que os povos sentissem que o espaço lusófono também lhes oferece vantagens económico-financeiras?*

Vamos de novo. A CPLP possui várias vertentes.

Para além da esfera de coordenação político-diplomática, possui outra também muito importante que é a da cooperação. No Brasil há uma agência de cooperação que é um pouco peculiar. Em geral as agências dos países desenvolvidos são para dar cooperação, e a dos países em desenvolvimento para receber cooperação. Mas no Brasil a agência dá e recebe cooperação. É uma porta. É a cara do Brasil, que ainda está em transição.

Não se deve ficar apenas pela cooperação técnica. Há espaço para a economia.

A ideia da *identidade* não funciona apenas para os governos mas para toda a sociedade. O comércio e o investimento são grandes atractivos. Apostar nas outras vertentes, reforça o lado económico.

Mas temos de compreender que há dificuldades neste processo. Existem restrições a uma maior integração económica da CPLP. Mas isso não impede que a CPLP seja um elemento de fomento da cooperação de maneira muito natural – sem necessariamente a acção dos governos, mas também pela acção dos governos.

Hoje em dia, a cooperação está mais centrada em acções de cooperação técnica, mas não é uma camisa de força. Cooperação pode ser em tudo.

Na medida em que essa identidade seja reforçada, haverá mais empresas brasileiras em Portugal e em Angola, mais empresas portuguesas no Brasil, mais empresas angolanas no Brasil, são toda uma classe de laços que se criam.

Maior cooperação económica? É possível. É provável. Possivelmente é *natural* que assim seja.

O Brasil, até porque é grande, fala uma língua junto a países que falam outras línguas como o espanhol, o inglês e o francês. A maior fronteira da França é com o Brasil.

Até do ponto de vista do empresário, a língua é relevante. Para o empresário brasileiro, os parceiros que falam português são muito naturais. O mesmo acontecerá com os empresários portugueses. A questão da identidade é relevante.

*E esta iniciativa de transformar o Conselho Empresarial da CPLP numa confederação? Que resultados práticos poderão ser obtidos?*

De novo é um processo. Neste momento, o resultado prático é a mudança de nome.

Mais do que causa de algo, é sintoma de algo.

*É uma mudança de estratégia?*

É um aprofundamento. É sintoma de um processo em andamento.

“Agora mudou, vai ser assim”. Não. “Como está sendo assim, está mudando”.

É um processo natural. Essas pequenas mudanças testemunham que estamos indo. Há momentos em que avança mais, outros menos. Até porque a dinâmica dos países ninguém domina. São países diferentes de continentes diferentes. É difícil sintonizá-los. Num momento está um a viver grande pujança e o outro a viver um período mais complicado.

O processo tem naturalmente dificuldades. Temos de ser realistas.

*Poderia enunciar medidas concretas que poderiam ajudar a fomentar essa cooperação económica? Por exemplo, mais cooperação interbancária? Maior mobilidade e integração dos agentes? Facilitar os vistos? Medidas de apoio à estabilidade política ou macroeconómica? O Brasil possui prioridades nesta matéria?*

Falando concretamente, nós estamos examinando.

As situações são diferentes. Actualmente, o mundo globaliza-se. A mobilidade do capital é menos sujeita a controlo. A mobilidade das pessoas possui vários controlos.

No caso do Brasil, dentro do MERCOSUL, nem é preciso passaporte para passar de um país para o outro. Qualquer cidadão pode pedir visto de residência no outro país. Na MERCOSUL tem sido uma prioridade fomentar a mobilidade das pessoas.

No caso da CPLP, Portugal está na União Europeia. Portugal tem dificuldades que o Brasil entende, mas que o Brasil não tem. Portanto, é complicado.

Os países africanos não têm também essas dificuldades, vão querer abrir as suas fronteiras.

Outra questão é a da estabilidade. A cooperação político-diplomática ajuda na questão da estabilidade. Na Guiné-Bissau, por exemplo, há um esforço dentro dos limites possíveis – porque os países possuem a sua soberania.

Mas enfim, os projectos teriam de ser analisados um a um. Cada qual terá as suas dificuldades. O positivo é que há interesse nesse debate. Um debate que é recente, porque a CPLP começou muito centrada nas questões da língua.

É um sinal de maturidade da CPLP que comece a abrir para outras esferas. Não é uma caminhada fácil.

*Um breve comentário sobre a possibilidade de um estatuto de cidadão lusófono.*

Do ponto de vista do Brasil seria interessante mas as dificuldades têm de ser geridas caso a caso. Há que tentar acomodar as posições.

*Peço-lhe um comentário sobre a questão do português enquanto língua de negócios, da capacidade de um idioma estimular o mercado, de gerar rendimento para quem trabalha com ele.*

Realizou-se recentemente uma Cimeira da Língua em Brasília. É um programa bastante bom e ambicioso. O Brasil foi muito bem recebido pelos outros Estados-membros.

Assim está-se criando um grande mercado para a língua, reforça-se a dinâmica de emprego. Os benefícios são sentidos pelo cidadão comum.

Quando se fala em cultura de uma maneira geral, as pessoas têm tendência em pensar no seu lado mais lúdico e intelectual mas, na verdade, todas as actividades culturais possuem um lado económico muito importante. O Brasil é um país que sabe muito bem disso.

Aquilo a que no Brasil chamamos de *indústria da festa* (Carnaval,...) é um grande mercado de trabalho, com potencial de crescimento. É uma grande fonte de riqueza para o Brasil e a língua também.

A língua tem a sua vertente de negócios. A manutenção e expansão do português nas comunidades emigrantes, gera muitos negócios. Por exemplo, cursos de português como segunda língua. Há um potencial económico que não está a passar despercebido. Aqui temos o terceiro pilar da CPLP, o da defesa e projecção da língua portuguesa no mundo.

A língua é a nossa pátria. Tem um lado de criação de riqueza e de prosperidade, de valorização de um património nosso. Quanto mais a língua for reconhecida, mais será vantajoso para os falantes dessa língua. Isso não está a ser despercebido.



Essas reuniões de Brasília são um elemento importante – será um chavão dizer que são um ponto de viragem – mas a valorização da língua possui repercussões a nível económico. É importante que as pessoas disso beneficiem a um nível muito directo (de emprego, de oportunidade comercial,... ). Essa última vertente acaba por ser central.

*Muito obrigada.*